

## **AS RELAÇÕES DAS MULTINACIONAIS FRANCESAS COM O MUNDO ÁRABE NO CONTEXTO POLÍTICO CONTEMPORÂNEO**

**Luísa Silva**

CEI - Centro de Estudos Interculturais

Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto

Artigo realizado no âmbito da Bolsa de Integração na  
Investigação Científica e Desenvolvimento – IPP/Santander Totta

### **Resumo**

No mundo globalizado, o poder assenta nos critérios económicos. Durante o século XX, a Europa, e particularmente neste caso a França, tiveram um papel estratégico na conceção do mundo, tal como o conhecemos hoje, determinado pela sua inserção na economia mundial.

Esta investigação, baseada nas relações económicas entre a França e os países Árabes, observará os fatores essenciais de influência e crescimento bilateral, assim como as relações interculturais e o seu alcance. Nos últimos anos, a França assumiu uma posição política decisiva para erradicar o terrorismo no Iraque e na Síria, no entanto, as consequências dessa opção estão longe de ser as ideais.

O objetivo desta investigação é apresentar factos de um tema sensível, complexo e pertinente. Incide nos países com maior relevância económica, nomeadamente Marrocos, Argélia, Arábia Saudita, Qatar e os Emirados Árabes Unidos e é incluído o Irão, um país não árabe, devido à sua importância geopolítica.

A pesquisa é fundamentada essencialmente em dados fornecidos pelo governo francês, através do Ministério dos Negócios Estrangeiros e Desenvolvimento Internacional e do Ministério da Economia e das Finanças. A imprensa também foi considerada, sobretudo as publicações após os atentados terroristas em França, em 2015 e 2016.

**Palavras-chave:** França, países Árabes, Médio Oriente, economia, investimentos

## **Abstract**

In the globalized world, the power is based on economic criteria. During the twentieth century, the Europe, and France in this particularly case, played a strategic role in the conception of the world, as we know it today, determined by its insertion in the world's economy.

This research, based on the economic relations between France and the Arab countries, will observe the essential factors of influence and bilateral growth, as well as the intercultural relations and their reach. In recent years, France has taken a decisive political position to eradicate terrorism in Iraq and Syria, however, the consequences of this option are far from being ideal.

The purpose of this research is to present facts of a sensitive, complex and pertinent theme. It focuses on the most economically important countries, namely Morocco, Algeria, Saudi Arabia, Qatar and the United Arab Emirates and includes Iran, a non-Arab country, because of its geopolitical importance.

The research is essentially based on data provided by the French government through the Ministry of Foreign Affairs and International Development and the Ministry of Economy and Finance. The press was also considered, especially the publications after the terrorist attacks in France, in 2015 and 2016.

**Keywords:** France, Arab countries, Middle East, economy, investments

## **1. Introdução**

Falar da França é falar da Europa. Além da sua contribuição para a integração europeia, a França assume nos nossos dias um papel de liderança que é preciso realçar e situar não só no contexto europeu, mas também no global.

A Europa sempre esteve à frente da economia mundial, contudo, na primeira metade do século XX, duas guerras mundiais travadas no seu território, enfraqueceram o seu poder económico. Em 1947, numa Europa devastada pela Segunda Guerra Mundial, foi oficializado um Programa de Recuperação Europeia, o Plano Marshall<sup>1</sup>. Após quatro

---

<sup>1</sup> Plano estabelecido pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos George Marshall, no qual cada um dos 17 países europeus recebeu gratuitamente 85% da ajuda concedida e os restantes 15% a empréstimos de longo prazo.

anos de execução, este plano ajudou a que a economia de cada país usufruidor tivesse aumentado consideravelmente, assim como contribuiu para a criação de instituições, de forma a coordenar a economia a nível continental. Além de beneficiar deste plano, a França instalou o seu próprio plano de recuperação, estruturado por Jean Monnet, um dos líderes do planeamento económico francês e principal impulsionador da integração europeia. Assim, em 1950, com o objetivo de garantir a segurança e a paz na Europa, elaborou uma declaração apresentada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Robert Schuman, na qual propõe a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Ou seja, colocar a produção franco-alemã do carvão e do aço sob uma Alta Autoridade comum, para benefício da cooperação económica e política entre os países europeus. A Declaração Schuman lançou um processo de união que deu origem ao Tratado de Roma em 1957, no qual foi estabelecida a Comunidade Económica Europeia (CEE) ou "mercado comum", agora União Europeia e composto por 27 países, da qual a França é membro fundador.

A França, o maior país da União Europeia com uma população total de 66,6 milhões de habitantes, evoluiu consideravelmente durante a segunda metade do século XX, devido principalmente à abertura da sua economia ao exterior e ao rápido crescimento produtivo que adotou. No período conhecido como "trinta gloriosos", de 1945 a 1975, o rendimento nacional *per capita* multiplicou por 3,5. A França, um dos pilares da democracia e preponderante no desenvolvimento e na economia mundial, é hoje a quinta maior economia pelo PIB nominal e tem um alto padrão de vida.

## **2. A França e a globalização**

### **2.1. Produtividade e exportação**

A França figura entre os líderes mundiais nos setores agroalimentar, na produção e exportação de vinho, aeronáutica, automóvel, bens de luxo, turismo e energia nuclear. No setor industrial, de acordo com os dados de 2014, da DGE - *Direction Générale des Entreprises*, a indústria transformadora representou 10% do PIB, com destaque para a indústria alimentar, a qual contribuiu para um superavit comercial, e para os produtos químicos e farmacêuticos, sendo o primeiro produtor europeu de medicamentos, onde a empresa Sanofi Aventis domina o mercado global das vacinas. Sob o impulso de empresas dinâmicas, a indústria francesa destaca-se na construção de veículos e

equipamento automóvel, aviões, equipamentos ferroviários (especialmente o TGV), pneus, construção civil e obras públicas (tem a rede mais densa de estradas no mundo e a maior da Europa) e nas indústrias conexas à energia. Conforme divulgado pelo *Ministère de l'Economie et des Finances*, em 2014 os principais setores da indústria de transformação beneficiaram da recuperação das exportações, nomeadamente os produtos químicos, os produtos farmacêuticos, as borrachas e os minerais (23%), os alimentos (19,9%) e a metalurgia e produtos de metal (14,4%). No segundo trimestre de 2015, a indústria de transformação empregava 2,7 milhões de trabalhadores.

Para corrigir a falta de hidrocarbonetos no seu território, a França tem uma frota de centrais nucleares que geram 78,5% da energia elétrica, dos quais cerca de três quartos são exportados para os seus principais clientes, Suíça, Itália, Bélgica e Grã-Bretanha. A França é também um grande exportador de serviços. A sua diversidade é considerável e cada vez mais especializada no desenvolvimento de grandes superfícies, centros comerciais e grupos de distribuição. Está dotada de um poderoso setor de serviços, particularmente ativo no domínio das aplicações tecnológicas e das telecomunicações. Este setor, no qual estão empregadas mais de 3 milhões de pessoas, é igualmente vital para a economia francesa.

**Tabela 1:** Países destinatários das exportações francesas de produtos manufacturados em 2014.

Países da EU (28)	Países fora UE	Regiões
Alemanha 16,9%	Estados Unidos 6,7%	Europa 66,7%
Reino Unido 7,2%	China 3,9%	Ásia 12,5%
Bélgica 6,9%	Suíça 2,8%	América 10,2%
Itália 6,7%	Japão 1,7%	África 6,1%
Espanha 6,6%	Rússia 1,7%	Médio Oriente 2,6%

**Fonte:** adaptado de Études Économiques; Chiffres clés industrie manufacturière édition 2015;

Direction Générale des Entreprises;

[http://www.entreprises.gouv.fr/files/files/directions\\_services/etudes-et-statistiques/Chiffres\\_cles/Industrie/2015-11-Chiffres-cles-industrie.pdf](http://www.entreprises.gouv.fr/files/files/directions_services/etudes-et-statistiques/Chiffres_cles/Industrie/2015-11-Chiffres-cles-industrie.pdf), consultado em 8.12.2016.

A França tem unificada a coordenação das ações das empresas exportadoras em sectores prioritários, sobretudo pela crescente procura dos países emergentes, mas também pelo seu *know-how* reconhecido internacionalmente. A abordagem sectorial foi

estabelecida em todo o país pelo *Ministère de l'Économie et des Finances* e é alvo de uma lista de países e áreas prioritárias, na qual a ação do governo se concentra. Esta estratégia visa destacar os pontos fortes da oferta francesa em sectores do comércio externo. Originalmente em número de quatro – cidade sustentável, saúde, alimentação e comunicação – foram adicionadas as indústrias culturais e criativas e a exportação de turismo, em 2014, e desde maio de 2015, a energia renovável. Num mercado global que representa mais de 300 mil milhões de dólares, a França está a organizar-se para desenvolver o primeiro sucesso internacional das empresas francesas no segmento das energias renováveis. Para este fim, é esperada a promoção do setor a nível mundial e a reflexão sobre o melhor apoio público para a sua internacionalização. Os pedidos devem ser bem identificados e qualificados para ajudar as empresas a apresentar a oferta mais relevante, integrada e abrangente possível.

## **2.2. Importação**

Atualmente, a França é dependente das importações, o que contribui para o grande défice na sua balança comercial. Especialmente em certas matérias-primas, como o petróleo, cuja produção é baixa e continua a diminuir, quase tudo o que é consumido em França tem de ser importado. A Noruega é o seu maior fornecedor de petróleo, à frente da Rússia e da Arábia Saudita. Segundo os resultados do comércio exterior de 2016 indicados pela *Direction Générale du Trésor*, o Irão voltou a ser um dos fornecedores da França desde o fim do embargo ao petróleo iraniano, no início de 2016, apesar de os volumes ainda serem limitados. A produção de gás é um pouco maior graças aos reservatórios na região de Aquitaine, mas a França também importa gás da Noruega (37%), Países Baixos (19%) e Argélia (15%). No entanto, em 2016, a França reduziu as importações na generalidade. As matérias-primas de hidrocarbonetos naturais e produtos refinados reduziram 20%, os serviços 8,4% e as importações de bens manufaturados abrandaram 1,7%.

## **2.3. Turismo**

A França sabe valorizar o rico património histórico, cultural e natural do país. Em 2015, de acordo com os números divulgados pela *Direction Générale des Entreprises*, a França foi visitada por 84,5 milhões de turistas estrangeiros e manteve-se como o país

mais visitado do mundo. O número de turistas aumentou quase 1% num ano, graças à contribuição dos clientes oriundos de países distantes que compensaram o baixo número de chegadas europeias. Os clientes distantes são responsáveis por 43% das estadias internacionais, com mais visibilidade para a presença de turistas americanos (9,9%), chineses (4,6%), australianos (2,9%), brasileiros (2,5%) e canadianos (2,5%). Muitos visitantes usufruíram de estadias curtas (entre uma e três noites) mas a maioria, 47 milhões, permaneceram vários dias no país.

Os dados estatísticos do INSEE - *Institut National de Statistique et des Études Économiques* - referem que, durante o verão de 2016, o alojamento turístico coletivo registou uma participação de 262 milhões de noites, um decréscimo de 2,5% sobre a temporada 2015 (depois de + 3,0%). No quarto trimestre de 2016, a frequência turística baixou nas áreas urbanas, com acentuado declínio na região parisiense (-14,3%) e no litoral (-1,2%), provavelmente sob o efeito dos trágicos ataques terroristas de 2015, em Paris, e em 14 de julho de 2016, em Nice. As empresas ligadas ao turismo empregam mais de 500 000 pessoas, das quais mais de um terço (33,7%) está concentrada na zona parisiense.

## **2.4. Balança comercial**

De acordo com o relatório de novembro de 2016 da *Direction Générale du Trésor*, as exportações para o Médio Oriente estavam em crescimento (+ 36,5%, após -15,4%), em relação ao segundo trimestre de 2016, período em que se encontraram no nível mais baixo. Contribuíram para este resultado as vendas de Airbus ao Qatar e à Arábia Saudita.

As importações de energia recuperaram com abastecimentos de África e do Médio Oriente, assim como as importações de hidrocarbonetos naturais de África em mais 9,0%, especialmente da Argélia, Nigéria e Angola. Também aumentaram novamente a partir do Médio Oriente, particularmente do Irão.

A balança comercial revela-se mais moderada, com redução do excedente com o Médio Oriente, devido à descida mais pronunciada das vendas em relação às compras, após a forte recuperação de € 8,4 mil milhões observada pelos contratos assinados em 2015 pela Airbus com o Irão e o Kuwait. Os contratos no setor da aviação permanecem num nível historicamente elevado (25,1 mil milhões de Euros), nomeadamente com encomendas de 98 Airbus pela companhia Iran Air, o que permitiu atingir um desempenho recorde em 2016.

Conforme se pode ver na tabela abaixo, em 2016, há uma regressão económica da França na maior parte das regiões do mundo, exceto no Médio Oriente.

**Tabela 2:** Grandes contratos civis em termos geográficos 2007-2016.

M€	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
PECO e CEI *	2,8	1,3	2,9	4,1	5,5	3,7	1,6	1,9	4,6	0,6
América Latina	2,0	3,6	1,1	2,3	3,8	3,0	2,2	1,3	4,5	1,5
Ásia emergente	12,2	6,8	5,5	5,6	13,8	16,0	17,4	17,7	17,7	17,3
Médio Oriente	15,4	10,5	2,3	4,4	4,6	4,3	14,4	4,9	7,3	8,4
África	4,8	6,9	3,4	4,5	1,1	2,7	2,3	3,1	2,2	2,2
Total	37,2	29,2	15,1	20,9	28,7	29,8	37,9	29,0	36,3	30,0

\*(PECO) Países da Europa Central e Oriental (PECO) – (CEI) Comunidade dos Estados Independentes

**Fonte:** adaptado de Matthias FEKL; COMMERCE EXTÉRIEUR Résultats 2016;

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/File/433007>, consultado em 8.12.2016.

## 2.5. Os franceses no estrangeiro

O volume da população francesa estabelecida no estrangeiro, em 2015, pode ser estimado em mais de 2 milhões, conforme mencionado em 2016 no *site France Diplomatie* do MAEDI<sup>2</sup>. As regiões nas quais a população conheceu uma expansão mais importante, em 2015 foi o Norte de África e a África francófona, onde a comunidade francesa aumentou 4,2% e atingiu 111 557 pessoas. Nos países árabes do norte de África, nomeadamente em Marrocos, aumentou 3,9% e, na Argélia, tem uma taxa de crescimento de 11,5%. Ao longo deste período, a exceção é na Tunísia onde diminuíram em 5,8% e na Líbia que continua a registar um declínio, -26%, mas este número abrangia apenas uma pequena comunidade de 191 franceses, em 2015.

A comunidade que vive no Médio Oriente caiu 1,9% para 138 350 franceses em 2015. Esta área é caracterizada por tendências populacionais díspares. Há países com aumentos acentuados, como no Bahrein, Irão, Qatar e Emirados Árabes Unidos, com as respetivas taxas de + 11%, + 8,1%; 7,4% e + 6,8%. Na Arábia Saudita e no Egito está a

<sup>2</sup> Ministère des Affaires Étrangères et du Développement International.

crescer mais de 3%, enquanto noutros continua a diminuir, como no Iêmen (27,4%) e na Síria (25,3%), devido à atual situação política nestes países.

## **2.6. Investimentos franceses no exterior**

Os investimentos franceses no exterior são, dependendo do ano, maiores que os investimentos estrangeiros em França. Segundo o UNCTAD - *United Nations Conference on Trade and Development*, com cerca de US \$ 1 500 mil milhões no final de 2012 (€ 1 100 mil milhões), a França detém o quinto lugar no investimento estrangeiro direto (IED), atrás dos Estados Unidos, do Reino Unido, da Alemanha e da China. Em 2013, o *Banque de France* divulgou o fluxo anual de investimentos fora da França em € 1,8 mil milhões.

De acordo com o publicado no portal do *Trésor et Direction Générale* do *Ministère de l'Économie et des Finance*, referente ao ano de 2011, mais de 2 500 grupos franceses fora do setor da banca, e excluindo os serviços não mercantis, tinham pelo menos uma filial no exterior (subsidiárias com mais de 50%). As estatísticas do INSEE mostram que as multinacionais francesas detêm mais de 35 400 subsidiárias estrangeiras que empregam mais de 5 milhões de pessoas, incluindo 3 milhões fora da União Europeia, com a realização de um volume de negócios de quase € 1 200 mil milhões de Euros.

A França ocupa a quarta posição no ranking anual da revista *Fortune* sobre as 500 empresas mundiais mais importantes, com 31 empresas listadas em 2014, à frente da Alemanha e do Reino Unido, cada uma com 28 empresas.

O apoio às empresas francesas no estrangeiro é dado pelo Governo, através da ação combinada de múltiplos agentes ao serviço das empresas. Desde 2012, o *Ministère des Affaires Étrangères et du Développement International* faz da diplomacia económica uma prioridade e, através da rede de embaixadas e serviços, tem mobilizado os seus recursos para apoiar o desenvolvimento das empresas francesas no estrangeiro. O impulso no serviço das relações económicas bilaterais é também ilustrado na implementação de vários projetos de cooperação científica e tecnológica, como a preparação no terreno para as empresas francesas.



início dos protestos, que ficaram conhecidos como Primavera Árabe, deu-se em 2010, na Tunísia, onde as manifestações populares pressionaram o presidente a deixar o poder. Seguiram-se idênticas situações no Egito e na Líbia, que levaram igualmente à queda dos regimes. Na Síria também foi tentada a revolução mas com consequências menos previsíveis. A mobilização popular de apoiantes e opositores do governo originou uma guerra civil que dura até aos dias de hoje.

Em 2011, o envolvimento estrangeiro na Síria através de apoio militar e contínuo fornecimento de armas inflamou as rivalidades étnicas entre persas e árabes, ou seja, xiitas e sunitas, que dividem o Médio Oriente. De um lado o Irão, que apoia o presidente e a população xiita, do outro a Turquia, que permitiu a passagem de militantes e material para a oposição, a Arábia Saudita, a Jordânia e o Qatar, que fornecem armas e dinheiro aos grupos sunitas, com o objetivo de vitória e instauração de um estado islâmico. Este ambiente de caos permitiu, que a partir de 2012, grupos islamitas ampliassem e fundissem as suas células clandestinas na Síria, como aconteceu com a Al-Qaeda ou com a sua congénere iraquiana, o Estado Islâmico do Iraque, dando origem ao Daesh ou EI - Estado Islâmico, grupo terrorista que força uma visão radical do islão e mostra o seu poder através da difusão do medo e o uso deliberado da violência. Com o regime a desmoronar-se, o presidente sírio Bashar al-Assad não só usou a força aérea em bombardeamentos indiscriminados, como acabou por recorrer às armas químicas para tentar quebrar a resistência da oposição e o mundo assistiu horrorizado às imagens de homens, mulheres e crianças mortos nos ataques com gás sarin em várias cidades do país.

Além de apoiar a destituição do presidente sírio, a França participa na coligação liderada pelos Estados Unidos e tem sido o país europeu mais ativo no combate ao Daesh, desencadeando ataques aéreos na Síria e no Iraque. Está claro que a guerra na Síria faz parte de um processo complexo no qual estão envolvidos vários tipos de conveniências, não só dos países do Médio Oriente, mas também dos Estados Unidos da América, da Rússia e de alguns países europeus. Além dos interesses, quer sejam territoriais, geopolíticos ou económicos dos intervenientes neste conflito, estão os milhões de sírios que fogem da guerra, forçados a procurar refúgio nos países vizinhos e que tentam, a partir daí, a arriscada viagem para uma Europa que se vê a braços com a maior crise de refugiados desde o fim da II Guerra Mundial. Nos últimos anos temos assistido a um dramático êxodo de milhões de sírios e líbios que tentam refugiar-se na Europa, após a travessia pelo mar Mediterrâneo, onde milhares encontram a morte. Esta onda migratória tem sido tema de muitos debates e muitas atitudes, entre as quais as de alguns países

europeus que criaram controlos de entrada e instalaram barreiras nas fronteiras em resposta ao fluxo de refugiados.

A instabilidade que se seguiu à queda dos ditadores (caso de Kadhafi na Líbia, Saddam Hussein no Iraque e Mubarak no Egito) abriu o caminho para o ódio étnico e o radicalismo religioso e percebe-se que a queda do presidente sírio não implica que o Daesh deixe de existir. A questão principal é como destruir o Daesh e acabar com a destabilização no mundo pelos grupos terroristas. Conforme escreveu, José Pedro Teixeira Fernandes em “Ideologia e terror em nome de Deus” (*Público*, 15 de novembro de 2015):

[...] Mas o facto de esta ideologia extrema ir buscar aos textos sagrados do islão os seus fundamentos coloca um problema delicado. É necessário reverter-lhe a estratégia, separando a crença religiosa no islão da ideologia política do islamismo-jihadista, a qual se apropria destes e sacraliza a ação política. Não é tarefa fácil. Seja qual for a resposta, é imprescindível ter um quadro intelectual que permita perceber o problema antes de atuar. [...] A Europa e o Ocidente não estão preparados para o travar, apesar da supremacia material e tecnológica. Não percebem o inimigo islamista-jihadista, visto como um passadismo impossível, que não segue a lógica do progresso e da evolução humana. Não compreendem, até pela enraizada tradição de pensamento universalista, esta recusa total e absoluta dos valores humanistas e seculares. Mas terão de o perceber rapidamente, se não quiserem ser derrotados, de uma forma ou de outra. A derrota pode ser uma deriva securitária contra a liberdade e a democracia pluralista que demorou séculos a emergir no Ocidente.

## **4. Relações económicas bilaterais**

### **4.1. Magrebe**

Desde o início do século XXI, cerca de 70% do comércio exterior no Magrebe é feito com a União Europeia. A França ocupa uma posição económica de primeiro plano. As importações dizem respeito às matérias-primas e minerais, entre eles o petróleo e os fosfatos, bem como às culturas agrícolas, frutas cítricas e vegetais, assim como os têxteis e produtos acabados, com especial destaque para o automóvel (Logan, fabricado em

Marrocos). No que se refere às exportações, estas são principalmente de produtos industriais e agrícolas, entre eles cereais e leite. Nos últimos anos, as empresas europeias têm instalado unidades no Norte de África para aproveitar o baixo custo do trabalho, incentivadas pela assinatura do livre comércio bilateral.

A migração permanece elevada entre os países do Magrebe. Após o final da Segunda Guerra Mundial, um elevado número da população magrebina procurou melhores oportunidades de trabalho e deixou o país para trabalhar na Europa. A França, devido aos laços históricos e culturais que tem com o Magrebe, continua a ser o principal destino para a migração económica.

#### **4.1.1.Marrocos**

Marrocos está fortemente concentrado no setor industrial e poderá abrir o caminho para novas parcerias na indústria química, indústrias metalúrgicas e mecânicas e indústria farmacêutica e com as co-localizações (baseada na partilha da cadeia de valor e parceria mais equilibrada) da indústria aeronáutica e automóvel. Também espera desenvolver cidades verdes e ecológicas, especialmente no desenvolvimento urbano, transporte urbano, eficiência energética, água e saneamento, assim como as energias renováveis que deverão representar 42% da matriz energética em 2020, seja eólica ou solar. O acordo agrícola Euro-marroquino de outubro de 2012 oferece oportunidades de exportação no setor agroalimentar.

Em 2015, a França foi o segundo fornecedor do país e o seu segundo cliente. Ao nível da região do Norte de África e Médio Oriente, Marrocos representou 11,9% das exportações francesas para a região, com 12 605 empresas francesas a exportarem para o país em 2015 (-437 em comparação com 2014), no entanto, em 2016, as exportações francesas para Marrocos aumentaram quase 20%, com um forte crescimento nos equipamentos agrícolas e de transportes.

Marrocos é o primeiro destino dos investimentos franceses em África. Com 750 empresas francesas implantadas no país, que representam 17% (484 milhões de euros) dos fluxos totais líquidos de IDE, a França é o maior investidor estrangeiro em Marrocos. Os movimentos de capital realizado com o objetivo de criar, desenvolver ou manter uma filial em Marrocos, estão em expansão desde o ano 2000, com uma média anual de mil milhões de euros de investimento.

Principais exportações de França para Marrocos em 2015 (M €, % do total):

- Equipamentos mecânicos, equipamentos elétricos e eletrônicos: 1 045 (28%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 522 (14%)
- Têxteis, vestuário, couro e calçado 369: (10%)
- Produtos farmacêuticos, cosméticos e perfumes: 311 (8%).

Principais importações de Marrocos para França em 2015 (M €, % do total):

- Equipamentos de transporte – automóvel: 1 005 (25%)
- Têxteis, vestuário, couro e calçado: 983 (24%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 951 (23%)
- Equipamentos mecânicos, equipamentos elétricos e eletrônicos: 518 (13%).

#### **4.1.2. Argélia**

Na Argélia, o transporte é um mercado em rápida expansão, no qual a França reforça a sua posição através de vários projetos de *joint venture*, enquanto o mercado da construção continua a oferecer oportunidades para as empresas francesas. Estão a ajustar-se muitos projetos de investimento na indústria alimentar e no sector da saúde.

Em 2015, os investimentos franceses na Argélia ao nível da região do Norte de África e Médio Oriente representaram 19,7% das exportações francesas para a região. Segundo dados do *Banque de France*, 6 569 empresas francesas exportaram para o país em 2015 (-355 em comparação com 2014), tornando-se no primeiro cliente da França (e o seu terceiro excedente). Os investimentos franceses na Argélia estão representados nas 156 empresas francesas que operam no país, que originaram 26 700 empregos e um volume de negócios estimado em € 4 276 milhões.

Principais exportações da França para a Argélia em 2015 (M €, % do total):

- Equipamentos mecânicos, equipamentos elétricos e eletrônicos: 1.461 (24%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 1403 (23%)
- Produtos farmacêuticos, cosméticos e perfumes: 922 (15%)
- Equipamentos de transporte – automóvel: 636 (10%).

Principais importações da Argélia para França em 2015 (M €, % do total):

- Hidrocarbonetos naturais, derivados de petróleo, eletricidade: 3538 (91%)
- Produtos químicos: 322 (8%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 27 (1%)

- Equipamentos mecânicos, equipamentos elétricos e eletrônicos: 4 (0%).

## **4.2. Médio Oriente**

### **4.2.1. Arábia Saudita**

A Arábia Saudita, com 30 milhões de habitantes, continua a exercer a liderança económica na região. Além disso, é o único país árabe a participar do G20 e desempenha um papel regulador na OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo pela sua capacidade de produção de petróleo. Tem 16% das reservas mundiais de petróleo (segundo no mundo) e em 2013 foi o primeiro exportador mundial. Em 2014, as exportações de petróleo foram responsáveis por 35% do PIB e 83% das receitas de exportação.

A Arábia Saudita é a primeira economia no Médio Oriente e a décima oitava do mundo. Desde 2005 é membro da OMC – Organização Mundial do Comércio, embora a sua atividade dentro da organização seja ainda limitada.

O governo saudita pretende reduzir a sua dependência do petróleo com a contribuição da indústria transformadora, de forma que esta represente 20% do PIB em 2020, assim como com a introdução de uma política de diversificação energética. Atualmente está a estruturar uma série de programas e reformas para os próximos 5 anos com o objetivo de criar 450 000 postos de trabalho no setor privado e assim reduzir a taxa de desemprego para os 9%, contra os 11,6% atuais. No âmbito das relações bilaterais, a França vê estas iniciativas como oportunidades para as empresas francesas.

Em relação aos países do Golfo, a Arábia Saudita é o primeiro parceiro comercial da França, com um volume de € 8,4 mil milhões em 2015. Nas importações, apesar da queda em 25% no valor de € 5,3 mil milhões, a Arábia Saudita continua a ser o primeiro fornecedor de petróleo à França, com uma quota de mercado de 18,6%.

Em 2015, as exportações para a Arábia Saudita aumentaram 6% para € 3,1 mil milhões e foi um ano recorde em termos de acordo e contratos civis e militares assinados, com um valor total de 15 mil milhões de dólares.

Em termos de investimento e de acordo com as estatísticas da Arábia Saudita, o total de IDE francês na Arábia Saudita é de US \$ 15,3 mil milhões, o que coloca a França como terceiro maior investidor estrangeiro, atrás dos EUA e do Kuwait. A França está representada com 82 participações, cuja maioria pertencem a empresas dos grupos do

CAC 40<sup>3</sup>, das quais metade estão na forma de *joint ventures* com parceiros sauditas, e a outra metade é 100% francesa. Estão essencialmente concentradas nos setores da energia e petroquímica, tratamento de água, saúde e agroalimentar.

A empresa Veolia foi selecionada para projetar e fornecer uma estação de tratamento de águas residuais para a refinaria e terminal de Jazan, na Arábia Saudita, em 2017, um novo complexo que será capaz de processar 400.000 barris / dia de petróleo bruto médio. Desde 2013, a empresa Alstom está a fornecer um sistema de metro na cidade de Riad. Além da instalação de três vias, fazem parte do contrato a construção das carruagens, a solução de sinalização, fonte de alimentação e sistema de recuperação de energia. Estes são dois exemplos de grandes projetos de empresas francesas na Arábia Saudita.

#### **4.2.2. Qatar**

O Qatar tem em execução um vasto programa de modernização das infraestruturas, nomeadamente no desenvolvimento urbano, estradas, transportes públicos e ferroviários, metro, novo porto comercial, novo aeroporto internacional e equipamentos de lazer. Também está a diversificar o tecido económico, especialmente na indústria, a privilegiar o óleo, o aço e o alumínio, e a investir nos serviços, designadamente no transporte aéreo, turismo e serviços financeiros. Estão implantadas no país 95 empresas francesas que representam 13 000 postos de trabalho.

Em 2015, o Qatar foi o quarto fornecedor da França e continua a ser o terceiro cliente na região, atrás dos Emirados e da Arábia Saudita. As exportações francesas para o Qatar aumentaram 88,7%, devido à entrega de aparelhos Airbus à Qatar Airways. Excluindo a aeronáutica, as exportações registaram um aumento de 33,7%, atingindo 720 milhões de euros, com perspetivas de um contínuo crescimento das exportações nos próximos anos, uma vez que estão previstas outras mercadorias relacionadas com os grandes projetos de infraestruturas, assim como com os produtos de consumo devido ao crescimento da população. Graças ao Campeonato Mundial de Futebol 2022, os equipamentos e produtos industriais também farão parte das exportações. O Qatar representa 8,6% das exportações francesas para a região. As importações permaneceram concentradas nos hidrocarbonetos. Em 2015, o petróleo foi responsável por um ligeiro

---

<sup>3</sup> Cotation Assistée en Continu - índice bolsista que reúne as 40 maiores empresas cotadas em França.

aumento de 87% em relação aos 84% de 2014. O gás natural e o petróleo refinado representaram respetivamente 40% e 27% das vendas à França.

Principais exportações de França para o Qatar em 2015 (M €, % do total):

- Material aeronáutico e espacial: 2 009 (74%)
- Produtos metalúrgicos e metálicos: 231 (8%)
- Equipamentos mecânicos, material elétrico e eletrónico: 203 (7%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 63 (2%).

Principais importações do Qatar para França em 2015 (M €, % do total):

- Hidrocarbonetos naturais, derivados de petróleo, eletricidade, resíduos: 165 (68%)
- Produtos químicos: 71 (29%)
- Produtos manufaturados diversos: 3 (1%)
- Equipamentos mecânicos, material elétrico e eletrónico: 2 (1%).

#### **4.2.3. Emirados Árabes Unidos**

Os Emirados Árabes Unidos são um país poderoso, rico e dinâmico, com uma economia diversificada, onde o petróleo representa hoje menos de 30% do PIB, apesar de ser o quarto produtor de petróleo e o décimo sexto produtor de gás no mundo.

Os EAU deram início a grandes projetos no domínio das infraestruturas dos transportes ferroviários, aviação e aeroportuários. Outras áreas em desenvolvimento – como a da energia, com implementação de fábricas, das redes inteligentes e dos hidrocarbonetos – são importantes e garantem crescimento para as 600 empresas francesas que operam no país. Em 2015, 7 356 empresas francesas (+259 em comparação com 2014) exportaram para os Emirados Árabes Unidos. Os EAU representam 12,2% das exportações francesas para a região.

Principais exportações da França para os EAU em 2015 (M €, % do total):

- Equipamentos mecânicos, elétricos, eletrónicos e informático: 1 132 (29%)
- Produtos químicos: 491 (13%)
- Equipamentos aeronáuticos: 441 (11%)
- Produtos e indústria agroalimentar: 406 (11%).

Principais importações dos EAU para França em 2015 (M €, % do total):

- Hidrocarbonetos naturais, derivados de petróleo, eletricidade, resíduos: 812 (75%)
- Metais e produtos metálicos: 104 (10%)
- Produtos químicos: 42 (4%)
- Borracha e materiais plásticos, produtos: 34 (3%).

#### **4.2.4. Irão**

Apesar do Irão não ser um país árabe, é incluído neste trabalho pela sua importância geopolítica e pela sua influência nos recentes acontecimentos ocorridos nos países do Médio Oriente.

Em 2012, foram impostas sanções económicas internacionais ao Irão, devido aos reais objetivos do programa nuclear iraniano. No início de 2016, o levantamento do isolamento económico levou o Ocidente a querer participar na reabertura do mercado iraniano. A França, parceiro económico de longa data, também não perdeu tempo a retomar uma posição na nação de 80 milhões de habitantes, com enormes necessidades de infraestruturas e cujo gás e reservas de petróleo são invejáveis. Tem já confirmado o fornecimento de Airbus, assim como o grupo Bouygues tem a construção de um novo terminal no aeroporto de Teerão. A Total concluiu um acordo de US \$ 4,8 mil milhões para operar no maior campo de gás localizado no Golfo, tornando-se a primeira empresa ocidental importante no setor de petróleo e gás a regressar ao Irão. A Alstom pretende ganhar o mercado da produção e manutenção dos caminhos-de-ferro, comboios e metro e os grupos Renault e PSA também querem recuperar o mercado que tinham perdido durante a implementação das sanções.

Com uma população jovem (70% dos iranianos têm menos de 40 anos) e uma considerável classe média urbana, os padrões de consumo também estão a mudar e a dar lugar aos grandes centros comerciais. Isso abre o caminho para os grandes grupos franceses como o Carrefour, Decathlon, Galeries Lafayette ou FNAC.

##### **4.2.4.1. As trocas bilaterais no primeiro semestre de 2016**

Segundo dados da alfândega francesa, o comércio franco-iraniano começou a aumentar em 2015, apesar das sanções internacionais ainda não terem sido levantadas. Depois de EUR 3,7 mil milhões em 2004 (reduzidos para 515 milhões de euros em 2014),

as transações atingiram 562 milhões de euros em 2015. Prosseguindo este crescimento, no primeiro semestre de 2016 o comércio bilateral aumentou 76% e alcançou os 536 milhões de euros, explicado pelo aumento contínuo nas vendas (+ 9%, para 289 milhões), mas principalmente pelo enorme crescimento das importações (+ 546%, para 247 milhões) de petróleo bruto.

Enquanto os produtos farmacêuticos, equipamentos e instrumentos médicos, perfumes e cosméticos permanecem nas primeiras posições das exportações para o Irão, no final do primeiro semestre de 2016, o facto de os cereais terem aumentado em mais de 30% face ao ano anterior fazem com que apareçam agora na quarta posição. Não surpreendentemente, o petróleo, que respondeu por 86% das importações (contra pouco mais de 90% antes do endurecimento das sanções), está agora na primeira posição das importações.

De acordo com as alfândegas francesas, a composição das exportações para o Irão é a seguinte:

- Preparações farmacêuticas
- Perfumes e produtos de beleza
- Instrumentos e fornecimentos de uso para a medicina dentária
- Cereais, leguminosas e oleaginosas
- Equipamentos de irradiação médica, eletromedicina e eletroterapia
- Outros produtos químicos orgânicos de base
- Outros produtos químicos
- Bombas e compressores
- Peças sobressalentes para veículos automóveis e instrumentos de medição, verificação e navegação.

Composição das importações:

- Petróleo bruto
- Pistácio
- Engrenagens e componentes de transmissão mecânica
- Especiarias, plantas aromáticas, medicinais e farmacêuticos
- Peças sobressalentes para veículos a motor
- Carnes de talho e produtos de abate
- Outras preparações e conservas à base de frutas
- Outros produtos florestais

- Tapetes e carpetes
- Produtos químicos.

## 5. A “guerra” da França

A ideia de que a França pode intervir militarmente no Médio Oriente sem consequências no seu território é uma ilusão. O ataque terrorista perpetrado em Paris, em 7 de janeiro de 2015, contra o jornal Charlie Hebdo, foi reivindicado pela Al-Qaeda, concorrente e inimigo do EI. Também em 2015, em retaliação pelos bombardeamentos franceses na Síria e no Iraque, o Estado Islâmico (EI) organizou os ataques de 13 de novembro de 2015 na sala de espetáculos Bataclan e em St Denis, e posteriormente, em 14 de julho de 2016, na cidade de Nice. Conforme publicado na imprensa francesa, no dia seguinte aos atentados, todas as empresas francesas decretaram um minuto de silêncio e refletiram sobre a sua segurança. Muitos eventos, internos ou externos, foram cancelados ou adiados, todavia adaptaram-se e hoje seguem o ritmo normal.

Porém, desde os ataques terroristas, várias vozes do mundo francófono questionam a atual política da França no Médio Oriente e denunciam as suas ligações com os países do Golfo, nomeadamente com a Arábia Saudita e o Qatar.

"A França não é credível nas suas relações com a Arábia Saudita", disse o antigo juiz antiterrorista Marc Trévidic, numa entrevista ao jornal francês de informação económica e financeira, Les Échos. "Sabemos que a nação do Golfo derramou o veneno pela propagação do wahabismo." – O wahabismo, uma forma rígida e conservadora do islamismo, é nos dias de hoje, a religião oficial da Arábia Saudita. “E alguns afirmam que é o “pai ideológico” do Estado Islâmico. Os ataques em Paris são um dos resultados”, disse ele. "Proclamar que se luta contra o islamismo radical, cumprimentando a mão do rei da Arábia Saudita, é dizer que estamos lutando contra o nazismo, convidando Hitler para a nossa mesa. O Estado Islâmico sempre existiu, é a Arábia Saudita”. Também Ziauddin Sardar, reformista muçulmano, acredita que se um grupo terrorista for destruído, outro ocupará o seu lugar. Isto, até se atacar a ideologia na base do extremismo, o wahabismo saudita. “Riad e os terroristas usam as mesmas leis”, diz. Em novembro de 2015, após os atentados de Paris, toda a imprensa francesa acusava estes países de apoiarem financeiramente o terrorismo na Síria e defenderem o islamismo radical. Confrontado com as críticas, conforme publicado pela agência de notícias britânica Reuters em 23 de novembro de 2015, o governo francês “garantiu ter confiança nestes

aliados - membros da coligação anti-EI - enfatizando que a luta contra o Estado islâmico era indiscutível”.

A interferência e atuação do Ocidente, quer tenham sido movidas pela ignorância ou pela arrogância, provocaram o caos social, a violência e uma crise humanitária imoral. Sendo certamente sociedades conservadoras, mas muito mais complexas do que pensamos, e utilizando as palavras de José Pedro Fernandes no jornal Público de 7 de janeiro de 2016, “Arábia Saudita *versus* Irão. Está em curso uma grande confrontação pela supremacia do mundo-árabe islâmico. [...]”.

### **5.1. A França a grande vencedora na venda de armas**

Devido à instabilidade política de algumas regiões, como é o caso do Médio Oriente, o mercado global da defesa tem crescido e há quem tire partido económico dessa situação. Conforme mencionado em 13 de junho de 2016 por Ben Moores, analista da IHS-Jane's<sup>4</sup> por ocasião da Eurosatory, exposição internacional de defesa e segurança, e publicado no dia seguinte na Capital - revista mensal francesa sobre economia: “Com um crescimento de 11% em 2015, um ritmo sem precedentes, atingiu o montante de US \$ 65 mil milhões e é esperado que continue a sua dinâmica em 2016 e alcance os 69 mil milhões.” Ben Moores adianta que: “Se os Estados Unidos permanecem firmemente instalados no topo do pódio, com 23 mil milhões de dólares em exportações (+ 10%), é a indústria de armamento francês que tira a melhor vantagem da recuperação de contratos de defesa após anos de vacas magras. A França é, de longe, o maior vencedor no momento. A França acaba de relançar a sua indústria de defesa e beneficiou de vendas regulares em anos consecutivos. 2014 e 2015 foram os melhores anos para o país durante décadas. Paris aproveitou o apagamento dos Estados Unidos no Médio Oriente, já que a região está no topo da lista com US \$ 22 mil milhões em termos de importações de armas. O valor combinado das importações da Arábia Saudita e dos Emirados Árabes Unidos

---

<sup>4</sup> Information Handling Services, empresa sediada no Reino Unido que fornece informações e análises para apoiar o processo de tomada de decisão de empresas e governos em indústrias como a aeronáutica, defesa e segurança, química, energia, marítima, comercial e tecnologia. *Jane's Information Group* (também conhecido como *Jane's*) é uma publicação britânica especializada em assuntos militares, aeroespaciais e de transportes. Fonte: <http://news.ihsmarket.com/press-release/corporate/ihs-acquires-janes-information-group>, consultado em 2.2.2017

excede os de toda a Europa Ocidental combinada. Mais uma vez, a França está bem posicionada em terceiro lugar, em termos de importações na região.”<sup>5</sup>

De acordo com a publicação *Jane's Information Group*, em 2015 foi registado um recorde de vendas, fortemente suportado pelas exportações da França, a qual dentro de dois anos será a número dois no ranking mundial deste mercado. A Arábia Saudita é o primeiro país em termos de importações de armas, com US \$ 9,3 mil milhões, seguido pela Índia, Austrália e Egito. Em quarto lugar dos pesos pesados da indústria, a França duplicou a sua carteira de encomendas de exportação, o que significa que vai ultrapassar a Rússia e a Alemanha, para se tornar o segundo maior exportador mundial de equipamentos de defesa a partir de 2018. A França vendeu aviões de combate *Rafale* para o Qatar, assim como para o Egito, ao qual também forneceu navios porta-helicópteros *BPC Mistral* e fragatas *FREMM*. Segundo os números da revista, as exportações francesas em equipamentos de defesa ao longo dos últimos dois anos ascenderam a US \$ 26 mil milhões, ou seja, 8 mil milhões até 2014 e 18 mil milhões em 2015.

## 6. Conclusão

Este trabalho de investigação permitiu determinar que, apesar do contexto político conturbado, é possível observar que as relações económicas entre a França e o mundo Árabe continuam em bom ritmo e que a França persiste no seu papel estratégico de influência e crescimento na economia mundial.

O certo é que os países árabes são um território de oportunidades económicas, quer seja pela necessidade de progresso de uns ou pelo contínuo desenvolvimento de outros. A França tem o *know-how* de que estes países tanto precisam, assim como estes têm as matérias-primas essenciais à sobrevivência económica da França. Se em 2014 o Médio Oriente representava 2,6% das exportações francesas, em 2016 são a sua melhor prestação em termos económicos globais.

Porém, não é possível afirmar o mesmo em relação às relações interculturais. As atitudes políticas para erradicar o terrorismo no Iraque e na Síria vulnerabilizaram o território francês e os franceses. Além de estar no topo da lista dos alvos do estado islâmico que originaram a instalação de um clima de medo e insegurança na Europa,

---

<sup>5</sup> “La France, la grande gagnante du boom des ventes d’armes”, *Capital (Agence France Presse)* 14 de junho de 2016. Fonte: <http://www.capital.fr/bourse/actualites/la-france-la-grande-gagnante-du-boom-des-ventes-d-armes-1137547>, consultado em 2.2.2017

também não foram calculados os impactos da política contra os regimes autoritários que se converteram no caos social e em guerra civil na Síria. O abandono da população síria, arrastada para esta luta armada, fatalmente levou a um exponencial fluxo de refugiados para a Europa, cujo resultado é uma crise humanitária para a qual é urgente a resolução. A procura de soluções imediatas é essencial, pelos valores universais da dignidade humana, mas exige-se responsabilidade e necessidade de mudança das situações que lhe dão origem. Embora nenhum dos países árabes seja uma democracia, é preciso compreender e respeitar a sua cultura, a sua história, o ritmo dos seus conflitos sociais e as aspirações dos seus povos.

Os fatores apresentados ilustram bem a dimensão desta complexidade inequivocamente política, da qual se espera, num futuro próximo, algum tipo de compromisso para a reconciliação da soberania e integridade de cada estado e principalmente, o respeito pela diversidade.

### **Páginas WEB consultadas**

<http://basedoc.diplomatie.gouv.fr/exl-php/cadcgp.php>, consultado em 2.2.2017.

<http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-03-25-O-inferno-mora-aqui-1>, consultado em 2.2.2017

[http://lekiosque.finances.gouv.fr/nationales/cadre\\_nationales.asp?TF=revue](http://lekiosque.finances.gouv.fr/nationales/cadre_nationales.asp?TF=revue), consultado em 15.12.2016

<http://www.alstom.com/press-centre/2016/6/riyadh-metro-completes-tunneling-excavation-works-for-green-line>, consultado em 2.2.2017

[http://www.assembleeafe.fr/IMG/pdf/rapport\\_du\\_gouvernement\\_sur\\_la\\_situation\\_des\\_francais\\_etablis\\_hors\\_de\\_france\\_2016\\_.pdf](http://www.assembleeafe.fr/IMG/pdf/rapport_du_gouvernement_sur_la_situation_des_francais_etablis_hors_de_france_2016_.pdf), consultado em 15.12.2016

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213\\_primavera\\_arabe\\_10consequencias\\_dg](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213_primavera_arabe_10consequencias_dg), consultado em 2.2.2017

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114\\_franca\\_analise\\_hb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151114_franca_analise_hb), consultado em 2.2.2017

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/151222\\_wahabismo\\_origens\\_fn](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/151222_wahabismo_origens_fn), consultado em 2.2.2017

<http://www.capital.fr/a-la-une/actualites/les-relations-entre-paris-et-ryad-en-question-apres-les-attentats-1087542>, consultado em 2.2.2017

<http://www.capital.fr/bourse/actualites/la-france-la-grande-gagnante-du-boom-des-ventes-d-armes-1137547>, consultado em 2.2.2017

<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/dossiers-pays/afrique-du-nord-moyen-orient>, consultado em 15.12.2016

<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/dossiers-pays/algerie/>, consultado em 15.12.2016

<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/dossiers-pays/iran/la-france-et-l-iran/>, consultado em 15.12.2016

<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/dossiers-pays/maroc/>, consultado em 15.12.2016

<http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/politique-etrangere-de-la-france/diplomatie-economique-et-commerce-exterieur/la-france-et-ses-partenaires-economiques-pays-par-pays/afrique>, consultado em 15.12.2016

<http://www.entreprises.gouv.fr/etudes-et-statistiques/4-pages-60-touristes-etrangers-france-2015>, consultado em 9.12.2016

<http://www.latribune.fr/economie/international/iran-les-entreprises-francaises-a-l-assaut-de-la-chine-du-moyen-orient-545586.html>, consultado em 2.2.2017

<http://www.lefigaro.fr/flash-eco/2011/08/30/97002-20110830FILWWW00525-total-en-lybie-en-septembre.php>, consultado em 2.2.2017

[http://www.lemonde.fr/economie/article/2017/01/14/iran-le-nouvel-eldorado-des-entreprises-francaises\\_5062667\\_3234.html#WQT5aWbLeIVKda54.99](http://www.lemonde.fr/economie/article/2017/01/14/iran-le-nouvel-eldorado-des-entreprises-francaises_5062667_3234.html#WQT5aWbLeIVKda54.99), consultado em 2.2.2017

[http://www.lesechos.fr/14/11/2015/lesechos.fr/021477022564\\_attentats---la-france-face-a-un--acte-de-guerre--apres-la-mort-de-129-personnes.htm?texte=entreprises%20fran%C3%A7aises%20et%20%27islamisme#RbVPgvSfqvcaCY08.99](http://www.lesechos.fr/14/11/2015/lesechos.fr/021477022564_attentats---la-france-face-a-un--acte-de-guerre--apres-la-mort-de-129-personnes.htm?texte=entreprises%20fran%C3%A7aises%20et%20%27islamisme#RbVPgvSfqvcaCY08.99), consultado em 20.1.2017

[http://www.lesechos.fr/16/11/2015/lesechos.fr/021482916440\\_les-entreprises--choquees--s-adaptent-apres-les-attentats.htm?texte=les%20entreprises%20fran%C3%](http://www.lesechos.fr/16/11/2015/lesechos.fr/021482916440_les-entreprises--choquees--s-adaptent-apres-les-attentats.htm?texte=les%20entreprises%20fran%C3%,), consultado em 20.1.2017

[http://www.liberation.fr/debats/2015/11/17/la-france-au-moyen-orient-une-si-etrange-guerre\\_1414139](http://www.liberation.fr/debats/2015/11/17/la-france-au-moyen-orient-une-si-etrange-guerre_1414139), consultado em 20.1.2017

[http://www.tresor.economie.gouv.fr/14543\\_les-echanges-commerciaux-entre-la-france-et-le-qatar-en-2015](http://www.tresor.economie.gouv.fr/14543_les-echanges-commerciaux-entre-la-france-et-le-qatar-en-2015), consultado em 8.12.2016

[http://www.tresor.economie.gouv.fr/15673\\_resultats-du-commerce-exterieur-de-la-france-en-2016](http://www.tresor.economie.gouv.fr/15673_resultats-du-commerce-exterieur-de-la-france-en-2016), consultado em 12.2.2017

[http://www.tresor.economie.gouv.fr/8235\\_les-investissements-directs-a-l-etranger-ide](http://www.tresor.economie.gouv.fr/8235_les-investissements-directs-a-l-etranger-ide), consultado em 8.12.2016

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/File/427781>, consultado em 8.12.2016

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/File/433007>, consultado em 2.2.2017

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/investissements-francais-a-letranger/2>, consultado em 2.2.2017

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/pays/arabie-saoudite>, consultado em 8.12.2016

<http://www.tresor.economie.gouv.fr/pays/qatar>, consultado em 8.12.2016

<http://www.veolia.com/fr/groupe/medias/actualites/dubai-le-plus-grand-projet-de-renovation-energetique-du-moyen-orient-confie-veolia>, consultado em 20.1.2017

[https://europa.eu/european-union/about-eu/history/founding-fathers\\_pt#box\\_8](https://europa.eu/european-union/about-eu/history/founding-fathers_pt#box_8), consultado em 3.12.2016.

<https://www.insee.fr/fr/statistiques/2107840>, consultado em 9.12.2016

<https://www.insee.fr/fr/statistiques/2490353>, consultado em 9.12.2016

<https://www.publico.pt/2015/11/15/mundo/noticia/ideologia-e-terror-em-nome-de-deus-1714520>, consultado em 2.2.2017

<https://www.publico.pt/2016/01/07/mundo/noticia/a-luta-pela-supremacia-no-mundo-arabeislamico-1719457>, consultado em 2.2.2017

<https://www.tresor.economie.gouv.fr/pays/emirats-arabes-unis>, consultado em 8.12.2016